

MULHERES RURAIS E A EXPERIÊNCIA DE LAZER NO FACEBOOK

Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo descrever a experiência de lazer desenvolvida por um grupo de 224 mulheres assentadas do município de Jóia-RS/BR. Para isso, realizamos entrevistas desde o ano de 2013 até 2016, com uma metodologia qualitativa, tomando as narrativas a partir das ferramentas conceituais de análise de discurso desenvolvidas por Foucault (2010). A partir das análises feitas, constatou-se que uma das experiências de lazer de parte do grupo está relacionada ao uso das tecnologias, em especial ao uso da rede social virtual *Facebook*. Um dado denso nos conduziu para o desafio analítico dessa experiência nomeada por essas mulheres como lazer. Dessa forma, observamos que, por meio do acesso e interpretação das ferramentas que o *Facebook* proporciona, muitas conseguem desenvolver habilidades e acabam se educando para o meio virtual. Por fim, analisamos as experiências com o uso da rede social virtual *Facebook*, orientadas para uma outra lógica, que movimentam e animam as experiências de lazer e a educacionalização de modo a dialogar com uma tendência contemporânea.

Palavras-chave: Educação; Facebook; Lazer; Mulheres.

INÍCIO DE CONVERSA

Iniciamos nossa investigação a partir de um inquérito na direção de mapear as experiências de lazer de um grupo de mulheres rurais. A pesquisa de campo ocorreu na região do Planalto das Missões do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na Região Noroeste, pertencente ao Território da Cidadania do Noroeste Colonial. Realizamos o estudo em Jóia-RS/BR, uma vez que este foi um dos municípios brasileiros que teve o maior aumento na população rural¹ nas últimas duas décadas do século 20, em consequência de oito assentamentos da reforma agrária².

A escolha das mulheres³ rurais como sujeitos da pesquisa se constitui como um exercício político de dar visibilidade à vida e às experiências em relação ao lazer. As

¹ Conforme dados do IBGE (INSTITUTO, 2013), a população total do município de Jóia-RS/BR é de 8.331, e a população rural é de 74,9%, num total de 6.158 pessoas, e a população urbana é de 25,1%, num total de 2.219 pessoas.

² É uma cidade que se destaca no Estado por acolher oito assentamentos agrários. O Núcleo Operacional de Jóia-RS/BR é composto por oito assentamentos: Barroca, Ceres, Rondinha, Novo Amanhecer, Santa Tecla, Trinta e Um de Maio, Tarumã/Vinte e Cinco de Novembro e Simon Bolívar, compreendendo em torno de 704 famílias assentadas.

³ Optamos por utilizar a expressão “as mulheres”, que tem a ver com uma opção teórica feminista que assumimos, baseada em Louro (1996) e Meyer (2003), de pensar a pluralidade de sujeitos femininos a partir

mulheres rurais (suas histórias) como ser (ser-aí, ser-no-mundo), objeto desse estudo, são ainda pouco exploradas na literatura brasileira. No campo de gênero, há o entendimento de que existem objetos de estudos e sujeitos que são pouco conhecidos e/ou levados em consideração, ou, ainda, condenados ao silêncio. Outro aspecto que justifica a opção pelo tema diz respeito à quantidade de estudos sobre o lazer no meio urbano, relacionados aos espaços, às políticas, aos comportamentos, entre outros, e poucos estudos sobre o fenômeno no meio rural, sobretudo das mulheres. Destacamos que optar por compreender as experiências das mulheres rurais é uma possibilidade de participação nessa disputa política pelo lugar do discurso – aqui os das mulheres rurais.

Carneiro e Maluf (2003) nos estimulam a um novo “olhar” sobre os sujeitos do meio rural que permite analisar a interação entre famílias e territórios na dinâmica de reprodução social. Isso implica considerar os modos de vida das famílias rurais na sua integridade, e não apenas seus componentes econômicos, como também incorporar à análise a provisão de bens públicos relacionados ao patrimônio cultural, como é o caso do lazer.

Dessa forma, a experiência rural é entendida como uma unidade social e cultural e não apenas como uma unidade produtiva. A análise do rural vai além dos meios de produção, e este passa a ser visto como lugar para morar, lugar para aprender, lugar para o lazer, enfim, lugar para viver. Não se trata de desqualificar o potencial produtivo da agricultura, mas de ampliar o significado social do rural.

Precedemos a seleção das entrevistadas a partir de uma porcentagem de inquéritos em razão da variação populacional de cada assentamento do município. Como elemento fundante das análises erigidas, utilizamos como tipologia a pesquisa de caráter qualitativo. Assim, depois desse inquérito inicial, compomos uma entrevista em profundidade a partir de blocos temáticos, como: características sociodemográficas delas e da família; trajetória até chegar aos assentamentos; forma de deslocamento; uso do tempo livre e de lazer; cuidados consigo e com o seu semelhante, entre outros desdobramentos. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas e analisadas pelo método de Análise do Discurso de Michel Foucault. Olhamos a linguagem discursiva das entrevistas tomando-as como depoimentos e falas, enquanto lugar de uma produção discursiva.

Visamos inicialmente compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010) a

de múltiplos atravessamentos, tais como: raça, geração, etnia, classe, religião. Concordamos com as autoras quando estas afirmam que não há a “mulher”, mas sim as mais diversas “mulheres”, e que aquilo que forma a pauta de reivindicações de umas, não necessariamente forma a pauta de outras.

partir das entrevistas. Dentro de uma perspectiva foucaultiana, procuramos situar os pressupostos que carregam os discursos, com quais estratégias se relacionam e quais as propostas enunciativas que se colocam a partir das suas narrativas. Os depoimentos são textos, o que possibilita tomá-los na Análise de Discurso, como um quadro de referência conceitualmente organizado, porém metodologicamente aberto. Ouvimos, então, as mulheres com atenção – o que dizem e como dizem. Tomamos como objeto de compreensão dos sentidos o texto para entender como o discurso funciona. Pergunta-se: *Quais lógicas discursivas movimentam sobre o lazer? Que posições de sujeito são ocupadas por essas mulheres?* O presente artigo descreve as manifestações de experiências de lazer através do uso da rede social *Facebook* de um grupo de mulheres rurais do município de Jóia-RS/BR.

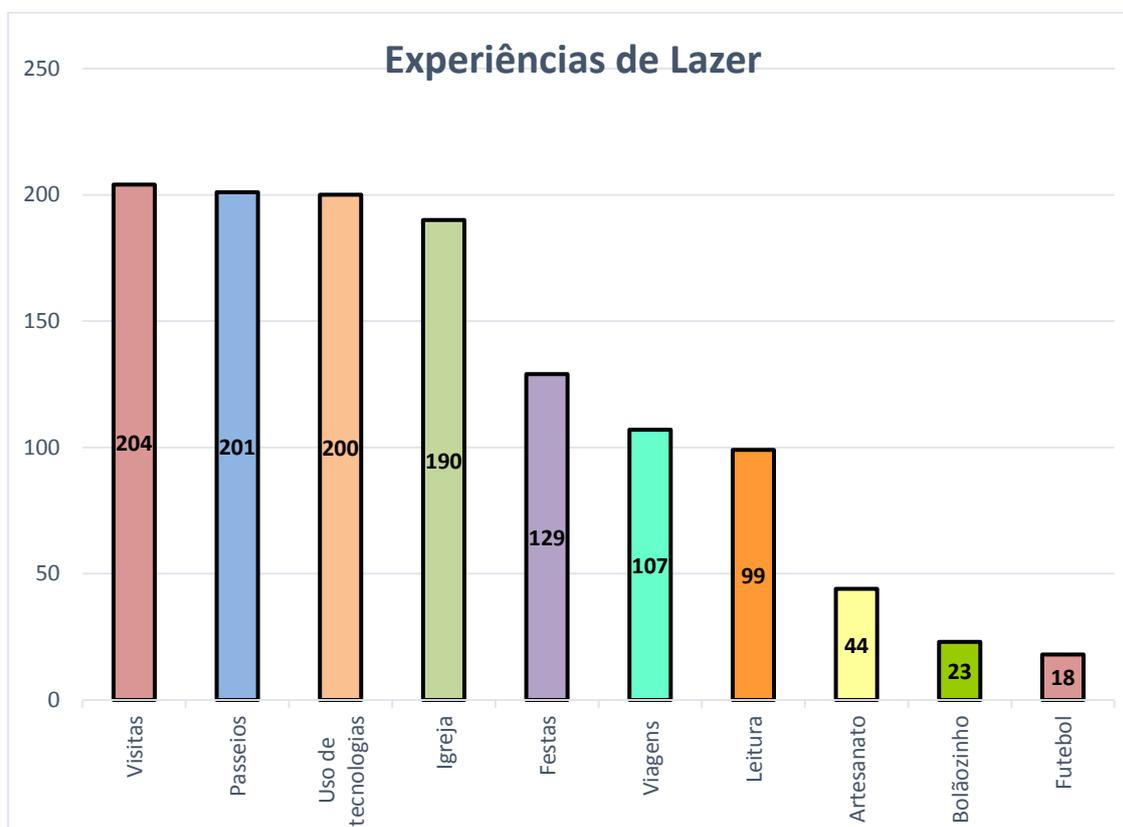
MULHERES ENTREVISTADAS

Entrevistamos 224 mulheres, numa faixa etária de 16 a 75 anos, sendo 56 evangélicas e 168 católicas⁴. Considerando o grau de escolaridade, apenas 12 estudaram o Ensino Superior e 42 concluíram o Ensino Médio. As demais estudaram o Ensino Fundamental. Das entrevistadas, 20% usufruem hoje da aposentadoria rural. Os dados levantados nas entrevistas nos mostram que elas se dedicam quase que exclusivamente ao trabalho doméstico familiar e à agricultura, com exceção de 14 mulheres que são funcionárias públicas ou domésticas que exercem sua função concomitante ao trabalho de casa.

As mulheres mapeadas permitiram, a partir de seus relatos, a elaboração de um gráfico que destaca as suas principais experiências de lazer (Gráfico 1). Salientamos que uma mulher pode desempenhar mais de uma atividade.

⁴ Destacamos que a Teologia da Libertação que emerge na América Latina se ocupa pastoralmente de um trabalho junto aos empobrecidos da sociedade, sobretudo com os movimentos sociais de inserção nos meios populares.

GRÁFICO 1 – EXPERIÊNCIAS DE LAZER



As experiências de lazer se concentram, pelo relato dessas mulheres, em atividades religiosas, acessar a *Internet*⁵, ouvir rádio, ver televisão, dormir ou descansar, passear na vizinhança, ir em festas comunitárias e campeiras. Do conjunto das experiências de lazer, destaca-se, como se vê no gráfico, o uso das tecnologias (89,2%) e dentro deste encontram-se o acesso à *Internet*, que compreende principalmente a página da rede social virtual *Facebook*, que tomamos como categoria central de análise neste artigo, pelos contornos possíveis que localizamos nas falas. Nas entrevistas é possível conhecer aspectos importantes das relações históricas com o lazer (entrevista com os mais velhas) e compará-las com as gerações mais novas, levando em conta as temporalidades, os interesses, o espaço de lazer e suas ligações com a manutenção do tecido social.

⁵ Não é simplesmente uma tecnologia, é um meio de comunicação, uma infraestrutura material de uma determinada forma organizacional: a rede. (CASTELLS, 2003)

Tomamos a noção de experiência a partir das contribuições de Foucault (2003). Quando Foucault se pergunta como seres humanos se tornaram (historicamente) sujeitos, mostra a maneira como fomos (e somos) subjetivados a partir de uma série de discursos, instituições, estruturas espaciais arquitetônicas, leis, enunciados científicos, religiosos, proposições morais e filantrópicas. Em outras palavras, questiona como a partir destes “dispositivos” foi (é) possível uma determinada “experiência de si” envolvendo modos historicamente peculiares de se fazer “*ferramentas para fabricação*” – tecnologias do eu. A experiência de si apresenta-se numa contingência histórica e cultural (LARROSA, 2000).

Consideramos neste artigo que as tecnologias invadem nossa vida, ampliam nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano (KENSKI, 2008). Para a autora, nós “somos diferentes dos nossos antepassados e nos acostumamos com alguns confortos tecnológicos” (KENSKI, 2008, p. 19). É nesse sentido que vemos o quanto o lazer das mulheres rurais assume novas práticas, se consideradas o lugar em que estão inseridas.

Apresentamos a seguir uma unidade de análise e breves considerações. A unidade de análise diz respeito ao uso da rede social *Facebook* como uma experiência de lazer e suas contribuições para a vida dessas mulheres.

TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INDIVIDUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE LAZER

Observamos que há um forte impulso das tecnologias digitais ao adentrarem nos espaços de pertença das mulheres que compõe o grupo de pesquisa e conseqüentemente nas suas casas, nas cenas cotidianas, na família. Uma mudança que converge entre uma sociabilidade contemporânea e as tecnologias digitais. Como se observa nas narrativas: “Quase não tenho lazer. Meu lazer de fato é assistir TV, desde a missa, novelas, documentários” (57 anos). “Navego na *Internet*, baixo desde filmes até escuto as notícias das rádios locais. Esse é meu lazer e faço sozinha” (32 anos). “Escuto no rádio e na televisão hinos e programas evangélicos. Adoro esse meu lazer e não dependo de ninguém para ter e fazer” (37 anos). “Olho no *face*, acompanhamos os parentes e amigos, me divirto” (40 anos). “Agora com *Internet* me divirto... Faço download de filmes, músicas, jogos, converso com amigos, isso nos ajuda muito também a tirar dúvidas desde os modos de plantar, cozinhar até como se vestir (risos)” (35 anos). “Não sei o que acontece, o clima com as tecnologias, é muito envolvente, prazeroso, divertido... A *Internet* é uma verdadeira fonte de relaxamento,

lazer e alivia um pouco o cansaço da rotina” (do meio rural).“Em demasia pode provocar briga com o marido (risos)” (28 anos).

A partir dessas narrativas discursivas é possível pensar que as mulheres reconhecem as tecnologias e nomeiam a *Internet* como um espaço de formação, expressão e lazer, de interação. Como um dos modos de novos lazes e divertimentos. Pode-se pensar que assim como a comunicação⁶, o lazer também não é o mesmo depois destas tecnologias. Poderíamos dizer com isso que novos modos de lazer são potencializados no meio rural. Para Gomes e Pinto,

[...] o imaginário social na sociedade contemporânea é fortemente influenciado pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias. Essa pode ser uma das razões pelas quais a TV e a Internet tenham sido apontadas, por vários especialistas que participaram deste estudo, como atividades que configuram o lazer no Brasil. (2009, p. 83)

Werneck (1999) e Schwartz (2006) nos instigam a pensar que as experiências e práticas de lazer incitam um debate sobre o novo paradigma frente a uma revolução tecnológica desencadeada pelo cruzamento entre a informática e as telecomunicações. Para Castells (2003, p. 164) a *Internet* é um meio de comunicação com lógica e linguagem própria e ainda “ela não se restringe a uma área particular da expressão cultural. Atravessa todas elas.” Dessa forma, talvez fosse interessante pontuar que a *Internet* atualiza os conteúdos culturais de lazer e de trabalho. Nessa relação, muitas vezes as fronteiras ficam pouco nítidas. As tecnologias misturam utilidade e objetividade, racionalidade e imaginário, funcionalidade e estética. Ao lado dos processos tecnológicos os afetos, fruições, emoções, novas formas de sociabilidade se encontram, ao mesmo tempo em que o lazer se firma como valor na contemporaneidade (LEVY, 1999).

Para Dumazedier (2004) o tempo livre tem sido uma fonte de revisão ética e estética das relações dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com o ambiente. Para ele (2004), o lazer é um tempo de expressão de si mesmo, individualmente práticas sociais cada vez mais variadas, mais sedutoras e ambíguas. E ainda destaca que as experiências tecnológicas parecem se situar no campo do lazer, considerando uma perspectiva de fruição, que oferece linhas de fuga ao ordinário, às obrigações, ao caráter produtivo.

⁶Castells (2003) destaca as novas conformações e configurações da comunicação tecnológica configurações da lógica do trabalho produtivo, entre outros aspectos desterritorialização, transnacionalização das informações, acessos.

Dumazedier (2004) diz que nesse novo cenário comunicacional e relacional, cabe explorar as proposições ao enfatizar a valorização do caráter da vida divertida⁷. Ele reitera a vivência de um tempo que não é só aquele da produção (econômica) o que vê relação com as práticas de lazer na *Internet*. Para o autor (2004, p. 51) “essa multiplicidade das atividades de lazer com as tecnologias produzem uma valorização temporária de uma individualidade mais liberada”. Ela acumula todas suas forças ipsativas numa autonomia intersticial através de um caminhar sem rumo que não é forçosamente anomia. E ainda vemos desenhar aqui para essas mulheres rurais “uma ética da expressão mais livre de si”, mais individualizada. (DUMAZEDIER, 1994, p. 51).

O lazer envolve uma liberdade de escolha (administrada de acordo com as aspirações individuais, estilos de vida, entre outras e com as condições de possibilidades) e uma opção de práticas que surgem das múltiplas motivações que o indivíduo tem. A liberdade de escolha repousa numa concreta ocupação do tempo de lazer. Assim, essas mulheres podem estar em busca de um convívio social através da rede social *Facebook*.

Com relação ao termo “lazer”, é comum ser diretamente relacionado ao conteúdo da atividade. Segundo Dumazedier (2006), portanto, o conteúdo da ação não constitui condição suficiente para a definição de lazer, mas as circunstâncias que cercam o desenvolvimento dos vários conteúdos são básicas para a sua caracterização. Nesse sentido, o autor julga como fundamentais os aspectos tempo e atitude. Considerando o lazer uma experiência subjetiva, ele diferencia-se em três categorias que correspondem a três funções: 1) função de descanso; 2) função de entretenimento; c) função de desenvolvimento. Dumazedier (2000, p. 34) destaca: “As três funções são solidárias, e estão sempre intimamente unidas umas às outras, mesmo quando parecem opor-se entre si. [...]; podem suceder-se ou coexistir; manifestar-se uma de cada vez ou simultaneamente na mesma situação de lazer”.

Para Dumazedier (2000), o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre-vontade, seja para repousar, seja para se divertir, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre-capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Lazer, para Elias e Dunning (1992), são aquelas atividades que oportunizam às pessoas experimentarem a estimulação das emoções/excitações (tensão-excitação das emoções) de forma individual e coletiva; o lazer pensado a partir da ideia da fruição de

⁷ MARZANO, A.; MELO, V. A. (Org.). A vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

“emoções agradáveis” de uma ocupação não-remunerada por livre-escolha, mas antes de tudo, por ser uma ocupação agradável para si mesmo (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 111). É uma experiência a partir do afloramento de “emoções agradáveis”. É notório que as experiências se articulem aqui como lazer contemporâneo abrindo maiores disponibilidades e possibilidades, bem como têm a finalidade de proporcionar melhores condições de vida em termos das relações pessoais, sociais e, sobretudo, emotivas.

As narrativas mostram o quanto as mulheres rurais estudadas nomeiam as experiências midiáticas tecnológicas como experiências de lazer, estimulação, alegria, interação, excitação. Lipovetsky (2006) chama-nos atenção sobre as transformações que ocorrem na sociedade contemporânea e que têm dado ênfase aos “lazers”, possibilitando uma esfera conjunta de divertimento em cadeia, exponenciado por meio da sua própria celebração. Uma mudança sem precedentes, em que as tecnologias de comunicação tornam o outro próximo e acessível e ainda podemos dizer que possibilitam uma individualização das práticas de lazer.

A tecnologia reinventa o lazer no meio rural. As tecnologias tornam-se palco de novas experiências, traduzem formas que cruzam divertimento, desenvolvimento, descanso. Para Bauman (2013), as fronteiras antes sacrossantas que separavam lar e tempo de lazer foram quase que eliminadas, assim cada momento da vida torna-se um momento de escolha. Desta forma, os espaços e tempos de lazer também têm sofrido transformações. A individualização das práticas de lazer dentro do lar é possível de forma confortável, emocional, educacional.

As tecnologias usam a sedução emocional. No lazer e em outras situações a diversão tornou-se individualizada e pessoal. Observa-se que os tempos pós-modernos nos impõem outras formas de lazer, deslocando o eixo do lazer compartilhado com os outros para formas de lazer individual.

LAZER QUE DIVERTE, ENVOLVE E ENSINA: O FACEBOOK

Os meios de comunicação que surgiram ao longo dos anos foram ao encontro e/ou foram buscados também pelas populações mais distantes dos grandes centros urbanos como é o caso dos assentamentos de Jóia-RS/BR. A *Internet* espalhou-se pelos recônditos e o acesso está se dando gradualmente. Percebe-se que existe uma nova configuração de vida no meio rural relacionada às tecnologias. São as empresas especializadas no ramo das telecomunicações e *Internet* que levam o serviço e comercializam os pontos de acesso com os moradores. Se paga por um serviço, que traz inúmeras possibilidades às gerações que ali vivem. Para pensar o acesso, não necessariamente precisamos pensar em computadores. Para

Lemos e Di Felice (2014) hoje são telefones e *tablets* cada vez mais sofisticados e com preços acessíveis às classes populares por onde se acessa a rede.

Apoiamo-nos em Castells (2003), o qual afirma que a *Internet* é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos em um momento específico e em escala global, e constitui uma transformação nas mais diversas relações sociais pela utilização de um novo meio de comunicação. Segundo Wives (2013, p. 15) “a *Internet* é uma ferramenta tecnológica que o mundo atual se vê dependente, não muito diferente da dependência gerada pela energia elétrica”, que passa a ocupar boa parte do tempo das pessoas de diferentes formas.

As redes sociais são uma das inúmeras possibilidades de interação que a *Internet* possibilita. Além disso, a escolha da rede social *Facebook* se dá pela sequência de apontamentos que as mulheres realizaram. Brevemente, o *Facebook*⁸, é uma rede social criada em 2004 nos Estados Unidos para fins acadêmicos. Após o seu crescimento e algumas mudanças, hoje se caracteriza pela criação de um perfil, com listas de contatos de outros usuários com os quais é possível interagir, publicar e compartilhar ideias. O *Facebook* atingiu 1 bilhão de usuários ativos em 2012, expandindo-se rapidamente, alcançando os públicos de todos os gêneros e idades.

A rede social *Facebook* faz parte da Web 2.0 que se caracteriza pelo lado social e mais interativo da *Internet*, onde utilizadores tem um papel predominante na produção, difusão e acesso a informação (PÁSCOA, GIL, 2012). Pensar uma rede social virtual onde se digita o nome da pessoa e logo você tem o perfil dela, com inúmeras informações, com a possibilidade de visualizar, compartilhar, curtir e comentar fotos, status e vídeos, mandar mensagens e bater papo ficou muito mais fácil. Pessoas que foram deixadas para trás quando as mulheres optaram pelo acampamento do MST⁹, parentes que permanecem na terra natal, ou mesmo a família do lote ao lado podem se encontrar ali. Para Pierre Levy (1996) as redes sociais proporcionam para os grupos de usuários, um compartilhamento de memórias e hipertextos que constituem coletivos inteligentes. Para esse estudo, como Levy (1996) corrobora, esses coletivos inteligentes dinamizam o lazer dessas mulheres.

Considerado uma nova tendência para o lugar estudado, o *Facebook*, pode ser denominado como um espaço de encontro, interação para comunicar, partilhar, interagir e aprender. A interação ocorre através das diferentes formas e possibilidades como as citadas anteriormente. As usuárias também partilham fotografias, vídeos, comentários, ligações,

⁸www.facebook.com.br

⁹ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

mensagens e podem controlar quem tem acesso ao seu perfil tornando a interação muito mais interessante.

As redes sociais apresentam um número de participantes e formas de utilização que aumentam diariamente, nomeadamente para interagir com pessoas conhecidas ou conhecer novas. De acordo com isso, é que compreendemos o “sucesso” que as redes sociais fazem no meio rural estudado. Segundo Miranda et al. (2011, p. 2) “as redes sociais se constituem num processo dinâmico de participação e envolvimento, cuja variação na intensidade e formas de uso e presença social dos seus membros conduz à sua transformação num sistema flexível e também complexo”.

Seguindo esse pressuposto, que tomamos o *Facebook* neste artigo como um meio de comunicação e de entretenimento, já que a *Internet* tem vindo gradualmente a abandonar suas características iniciais de ser apenas uma ferramenta de escrita e leitura, entrando num estrato onde cada vez mais os usuários criam laços sociais e participam ativamente da sua construção. Consideramos, segundo Pascoa e Gil (2012) que o *Facebook* pelas suas características é uma ferramenta digital na direção da produção social que combate o isolamento, promove a socialização e aproxima gerações.

Considerando que o *Facebook* transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto, mas principalmente num ambiente de aprendizagem, de interação, envolvente, suscita curiosidades, apresenta ideias, ao mesmo tempo que demonstra aos usuários o quanto os seus conteúdos são formadores de opinião com relativa autonomia, o *Facebook* pode ser um grande aliado na elaboração crítica e reflexiva do conhecimento (ANDRADE et al., 2012), principalmente se tratando de mulheres do meio rural estudado.

Notadamente, as características das redes reconfiguram espaços e tempos do saber em novos e diferenciados caminhos, ou seja, redes sociais possibilitam diversas oportunidades para criação de um ambiente de aprendizagens ao longo da vida (PASCOA E GIL, 2012, p. 549). Estudos como o de Miranda et al. (2011) apontam que a mudança tecnológica implica em profundas alterações na compreensão dos processos de interação social e na construção da aprendizagem e do conhecimento. (MIRANDA, et al., 2011).

O sucesso das redes sociais deve-se em geral as imensas possibilidades de partilha de informação e de colaborações representando novas oportunidades a nível pessoal, profissional e educativo (MIRANDA, et al., 2011, p. 8). Segundo Kenski (2008) as redes de comunicação trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com conhecimentos e aprender com a socialização (KENSKI, 2008, p. 47) o que acreditamos que

eleva o interesse das mulheres pesquisadas no uso das redes sociais, como o *Facebook* como um dos seus lazeres.

LONGE DO FIM, NOTAS FINAIS PROVISÓRIAS

Constatamos, ainda, as distinções entre o masculino e o feminino, que demarcam modos de construção social distintos. Para Lipovetsky (2006), encontramos-nos numa sociedade em modificação, e associamos as transformações da participação social das mulheres na acepção de igualdade de comportamentos, enquanto pessoas que procuram seu próprio lazer.

Afirmamos que as tecnologias digitais, tem se constituído como um aspecto importante das experiências de lazer no meio rural por meio dos usos e apropriações. O uso das tecnologias redefine a noção de comunicação e a reciprocidade tornou-se um elo para muitas mulheres. O lazer - a produção de sentidos e significados - cada vez mais marcados pelo imperativo do acesso e conexão à *Internet*. A pergunta de Viana (2011, p. 114) faz sentido: “o que a tecnologia fez com o lazer e o que o lazer pode fazer com a tecnologia?”. No qual as mulheres estudadas convivem entre os antigos e novos lazeres.

Nosso investimento analítico não se propõe como conclusivo e explicativo; está longe de ser concluído e é apenas provisório. Ele busca, sim, manter aberto o diálogo sobre essa problemática e uma abertura e contribuição ao debate. Esperamos que os resultados apresentados despertem para a necessidade de um conhecimento mais profundo das atividades de lazer vividas pelas mulheres rurais, considerando suas diferentes configurações, notadamente as diferenças internas, que dizem respeito ao gênero e ao lazer. Observamos uma certa convergência entre a sociabilidade contemporânea mais individual e as tecnologias digitais. Parece que o lazer na contemporaneidade passa por uma revisão do tempo social e de revisão ética-estética.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P; AZEVEDO, D; DÉDA, T. Práticas de ensinagem e redes sociais na internet: um estudo de caso do facebook como ambiente de aprendizagem. In: Anais 3º **Simpósio Educação e Comunicação – Infoinclusão**: possibilidades de ensinar e aprender. Aracajú – SE: Unit, 2012. v. 1. p. 301-316.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2013.

CARNEIRO, M. J.; MALUF, R.S. **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel; SESC São Paulo, 2004.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV**. Michel Foucault. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240. (Poder e saber).

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

_____. **Foucault estuda a razão do Estado**. Dito e Escrito IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GOMES, C; PINTO, L. **O lazer no Brasil: analisando práticas culturais, cotidianas, acadêmicas e políticas**. In: GOMES, C. Lazer na América Latina. Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 67-122.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Portal Cidades. 2013. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. 3ª edição. Campinas – SP: Papirus, 2008.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis Vozes, 2000.

- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LEMOS, Ronaldo. DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. Campinas – SP: Papyrus 7 Mares, 2014.
- LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (Orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- MEYER, D. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G; NECKEL, J, GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MIRANDA, L. et al. Redes sociais na aprendizagem. In: **Educação e tecnologia: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa: 2011.
- PASCOA, G; GIL, H. O facebook e os idosos: a importância do software social na aprendizagem ao longo da vida. **Anais 7ª Conferência Ibero de Sistemas e Tecnologias da Informação**, Madrid: AISTI – UPM, 2012.
- SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. Revista **Licere**, n. 6, v.2, dez/2003.
- VIANA, J; **Lazer e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)**: Desafios para pensar a Animação Cultural na rede – um estudo da comunidade Estudiolivre.Org. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Programa de Mestrado em Lazer, 2010.
- WERNECK, C. L. G. Brincando na Internet: uma análise sobre o imaginário presente nos bate-papos virtuais. Revista **Licere**, v. 2, n.1, Belo Horizonte, 1999.

WIVES, W. W. **Situações de conflito no uso da internet: embates e soluções.** Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade de Brasília, Brasília, 2013.